MUSEU
A • R • T • E
CONTEMPORÂNEA

PRODUÇÃO RECENTE

SEGMENTO I • SEGMENTO II

ARTE CONTEMPORÂNEA PRODUZIDA NO RIO GRANDE DO SUL

MUSEU
A • R • T • E
CONTEMPORÂNEA

PRODUÇÃO
RECENTE

SEGMENTO I
Ângela Pohlman
Celso Vitelli
Eleonora Fabre
Guillermo A.C.
Laura Fróes
Roberto Shimitt-Prym
Tatiana Pinto

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO FLORENSE
Av. 25 de Julho, 608

SEGMENTO II
Cátia Usevícius
Eliane Santos Rocha
Maria Conceição Menegassi
Regina Cesa
Teresa Poester

ESPAÇO CULTURAL SÃO JOSÉ
Rua Barros Cassal, 777

FLORES DA CUNHA RIO GRANDE DO SUL

DE 25 DE NOVEMBRO A 19 DE DEZEMBRO DE 1993

ESPAÇO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Av. Valdomiro Bocchese, 656
Antônio Prado-RS
DE 22 DE DEZEMBRO DE 93 A 17 DE JANEIRO 1994

ESPAÇO CULTURAL
Rua Antônio José Centeno, 373
Camaquã — RS
DE 04 A 27 DE FEVEREIRO 1994

CURADORIA
Gaudêncio Fidelis

CAPA: CÁTIA USEVÍCIUS
Sem título, nº 135992
Gravura em metal • Relevo • 29,4 X 39,3cm • Publicado com a autorização da artista

PRODUÇÃO RECENTE

A exposição PRODUÇÃO RECENTE caracteriza-se pela tentativa de reunir em dois segmentos de um evento as mais diversas modalidades artísticas, assim como de constituir uma idéia, ainda que não muito ampla, do que poderíamos dizer como sendo produções diferenciadas e singulares da produção de arte contemporânea no Rio Grande do Sul. Evidentemente que o objetivo não foi em momento algum constituir um panorama de tendências ou de ''estilos'', mas antes de construir um evento que pudesse levar ao interior do Estado determinadas ''situações'' estéticas que se trata de tornar públicas.

Considerando as dificuldades operacionais que norteiam a constituição de um evento desta ordem, o projeto Sistema de Curadorias Regionais tem dentro de seus objetivos e possibilidades, alcançado certos êxitos. Iniciado em 92 com a exposição ARTE DE TRÊS PÓLOS, envolvendo três exposições simultâneas (Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas) e interrompido logo após para uma reavaliação, o projeto reiniciou este ano com a exposição NOVA ATUALIDADE, levada a Rio Grande e Pelotas. O SCR agora reavaliado tem o ambicioso plano de atingir em 15 meses, setenta cidades em todo o Estado, não prescindindo de um alto padrão técnico e administrativo que tem sido uma meta, aliás, nos projetos do Instituto.

Acompanham ainda a exposição programações paralelas como palestras e workshops na respectiva cidade.

A exposição PRODUÇÃO RECENTE é antes uma abertura de caminhos e precedentes para a ampliação de programas da instituição para o interior do Estado com vistas a ampliar a visão sobre a produção contemporânea.

Trata-se de instituir uma série de táticas diferenciais e aos poucos criar o hábito de tais realizações.

Nas poucas vezes em que foram organizadas exposições com o intuito de percorrer determinado circuito fora dos grandes centros produtores, estas tiveram como pressupostos a constituição de mostras limitadas por parâmetros estritamente físicos e não conceituais. Ou seja, estas deveriam ser exposições de pequeno porte, fáceis de transportar e na quase totalidade dos casos, restritas a desenhos e gravuras, obras que por serem bidimensionais são de fácil transporte e montagem. São também facilmente adequáveis a espaços na maioria das vezes com instalações precárias.

Ora, a instituição não pode ser um mecanismo limitador e autocondizente. Seu papel é justamente o de a todo instante, quanto seja possível, romper o círculo vicioso dos programas institucionalizados. Até porque sua própria constituição tende muito mais ao instituído que ao revolucionário.

Faz-se necessário também permitir que se estabeleça um fluxo natural de gerenciamento de tais programas onde as instâncias envolvidas irão na medida em que as dificuldades se apresentam, resolvendo-se ao mesmo tempo em que reformulam seus próprios programas e áreas de atuação.

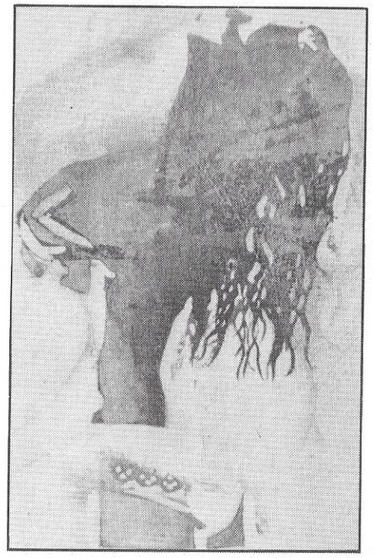
A experiência certamente ampliará consideravelmente a inserção da instituição dentro do circuito de realização eventual em que se define seu raio de atuação e as circunstâncias na qual tais programas podem se difundir.

Consideradas como elemento um instrumento motor e essencialmente público, a instituição deve ter como vetor de atuação e ojetivo fundamental a ampliação de seu raio de ação de maneira sistemática e criteriosa. Evidências à parte, o que se quer é não ser privado o que é público por constituição.

Gaudêncio Fidelis
Diretor do Museu de Arte Contemporânea
do Rio Grande do Sul

PRODUÇÃO RECENTE
SEGMENTO I

ÂNGELA POHLMANN
Porto Alegre • RS • 1961



Sem título, 1992
Gravura em metal • 20 x 30cm

As obras que apresento são o resultado de um trabalho desenvolvido em gravura em metal desde 1990. A principal questão abordada nestes trabalhos se refere ao próprio fazer artístico, numa tentativa de aproximação com o processo criativo em si, quanto à produção e organização dos elementos que compõem a imagem.

Considero o trabalho em gravura como um processo de busca de imagens. Esta busca se dá em um meio particular que é o metal, o qual possui características específicas. A imagem pode aparecer como um dos resultados possíveis dentre inúmeras possibilidades. Cada momento do trabalho pode ser fixado e reproduzido antes que novas modificações sejam feitas na imagem. E o que ficou registrado anteriormente não está perdido, pois fica submerso ao serem sobrepostas novas imagens. E o próprio meio em que se trabalha — o metal — que permite que todo este processo de construção da imagem seja registrado nas suas sucessivas fases, assim como nos preserva a possibilidade de resgatar novamente partes do que estava contido anteriormente na placa.

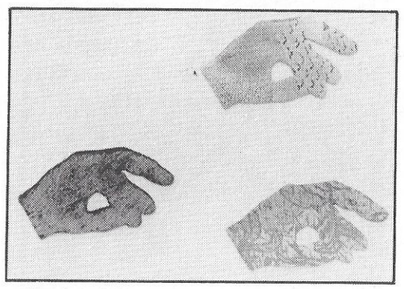
O metal também amplia as possibilidades da matéria enquanto recurso expressivo, uma vez que nos dá condições, entre outras coisas, de que mais de uma placa, com diferentes imagens, sejam impressas simultaneamente, criando, assim, novas relações a partir de imagens sobrepostas.

A gravura é um processo que está em constante transformação e a sua impressão é sempre surpreendente. Além da inversão que ocorre na imagem, ao passar da placa de metal para o papel, alguns elementos gravados na placa só poderão ser percebidos depois de impressos no papel.

Por tudo isso, nos fascina a possibilidade de trabalhar com o metal. Ele pode proporcionar infinitas modificações na imagem que estamos construindo e o registro de cada uma destas etapas de trabalho. Este processo nos permite inúmeras possibilidades de encontrar novas formas, novos elementos significativos, e de encarar nosso próprio trabalho.

Ângela Pohlmann

CELSO VITTELLI
Porto Alegre • RS • 1964



''Ec-sistência'' — Detalhe • 1992
Tecido sobre papel corrugado

Depois de uma extensa pesquisa de desenho de observação do corpo humano, veio a conclusão de que a representação podia ser apenas de uma das partes pelo todo.

A mão surgiu como significação intrínseca de um símbolo, transformando-se não em mera repetição; mas na recontextualização da mesma.

O estudo dos ideogramas foi chave fundamental para o desenvolvimento do trabalho, busco, não o que ''é pelo que é'', mas o que pode vir ''a ser'', não esquecendo o que já é. Este jogo de linguagem se traduz na forma, que por si só se contém.

Impossível não se ter correlações, Armand foi uma forte influência, porém, com diferenças formais significativas: **Interferência**, resgate e acumulação.

A linguagem na obra não é apenas a soma dos valores expressivos o qual pertence cada elemento da cadeia, mas sim, o sistema na ''sincronia'', na medida em que cada um deles significa sua diferença frente aos outros.

A forma que profiro é pregnante de uma significação legível na própria textura do gesto, a ponto de uma simples alteração ser suficiente para modificá-la sem, no entanto, nunca estar contida nela. Cada trabalho sempre aparece como um vestígio, nenhuma idéia é dada na transparência, e todo esforço para fechar a mão sobre o pensamento que habita a forma, deixa apenas muito material pensante entre os dedos.

Trabalho com elementos culturais de que sou herdeiro, buscando suscitar no espectador o pressentimento de uma significação outra e nova, promovendo a ancoragem da significação inédita na significação já disponível.

''Segundo Merleau-Ponty, exprimir é tomar consciência. Não se exprime somente para os outros, exprime para que o criador próprio saiba o que visa.''

ELEONORA FABRE
Sobradinho • RS • 1951

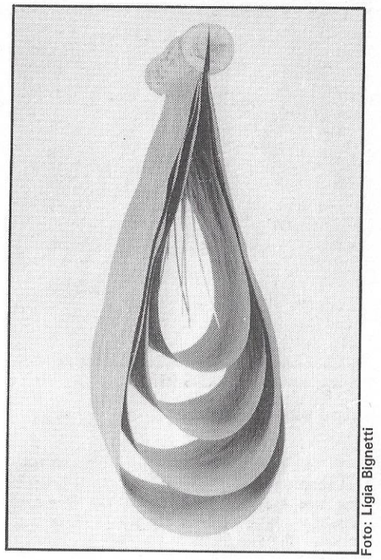


Foto: Ligia Bignetti

Laminado em madeira • 1993
160 x 70 x 50

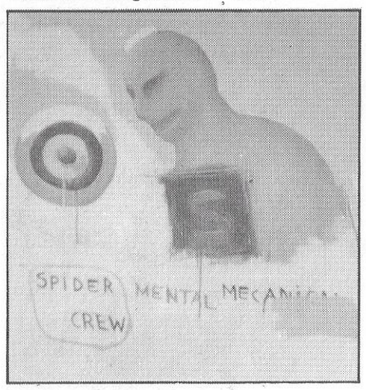
PELE/CASCA/FRONTEIRA
/FRÁGIL

Tensionar, prensar, espetar; no limite de resistência do material. Estar na zona de fronteira, entre o ser e o vir a ser. Os laminados de madeira são os limites da árvore.

Eleonora Fabre
Agosto 1993

PRODUÇÃO RECENTE
SEGMENTO I

GUILLERMO A.C.
Rosário • Argentina • 1971



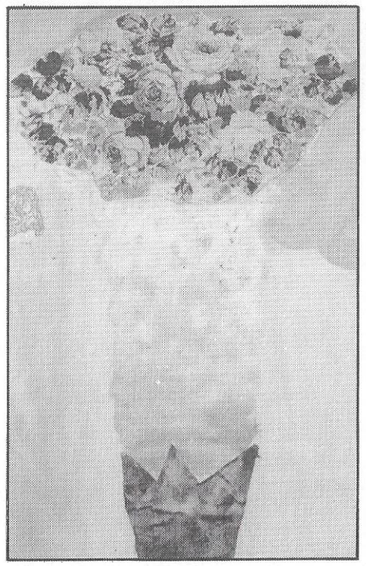
Spider mental mecanical crew
Acrílico e PVA sobre tela • 1993
100 x 100 cm

As obras de Guillermo A. C. retratam basicamente a figura humana, numa proposta livre e contemporânea, onde busca-se quebrar com a estética usual através da particular disposição dos elementos sobre o suporte.

A temática das pinturas retrata o sofrimento humano. A ironização do indivíduo e a banalização da realidade nos mostram figuras igualmente serenas e violentas (ou vítimas da violência), sua insanidade e incapacidade de adaptação a sociedade, sua marginalidade e ao mesmo tempo caricatura do cotidiano, do supérfluo e do infantil. Existe, enfim, a ridicularização do estereótipo vigente na sociedade contemporânea.

As obras nascem da antropofagia de escolas universais que se unem num trabalho extremamente particular onde não existe a preocupação com a ''limpeza'' e onde o desenho e a pintura se comunicam livremente.

LAURA FRÓES
Porto Alegre • RS • 1970

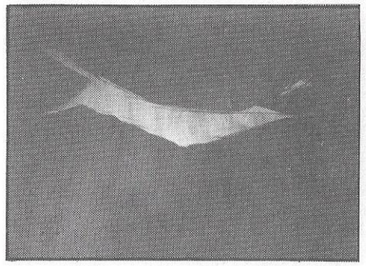


Sem título, 1992
Acrílica, purpurina, grafite, espuma e tecido sobre papel
1,40 x 1,00 m

Trabalho a partir da observação da natureza. Planos, paisagens, elementos, fenômenos. O que surge é uma idéia de lugar, de espaço aberto onde podem habitar objetos, sinais. O uso de materiais prontos (tecido, plástico, espuma) dá a pontuação, a localização desse habitar e são colocados (colagem) sobre a superfície plana pictórica, que é o primeiro passo do processo e que dá origem e dimensão ao ''lugar''.

Paisagens invertidas/Paisagens desérticas/Paisagens poéticas

ROBERTO SCHMITT-PRYM
Panambi • RS • 1967



Gravura, 1993
Sem título

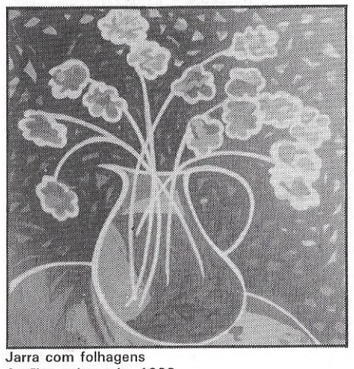
REGIÕES DESCONHECIDAS

Roberto Schmitt-Prym dilui a realidade até eliminá-la, transformando-a em pura abstração. E nem há sentido em procurar saber o que afinal sua câmara estava focalizando; o importante é entregar-se a este ritmo de curvas e cores que se desdobra diante de nossos olhos como uma composição musical — a arte abstrata por excelência — penetraria em nossos ouvidos.

Há nestas obras um indefinível ar oriental. Talvez sejam as formas que lembram origamis, embora aqui a linguagem mostre mais espontaneidade do que a metódica dobradura de papel. O artista se compraz em jogar com as possibilidades cromáticas, provando que uma solução acertada, um achado, não precisa ser necessariamente o único. Assim uma série que poderia ser chamada de ''bumerangues'' — não tanto por sua forma quanto pelo movimento sugerido — pode ter um forte ponto de atração visual destacado da superfície ou, ao contrário, deixar de existir, diluído em um fundo que ganha então maior peso. Estalactites que multiplicam sombras, paisagens (desérticas, extraterrenas, do interior do corpo humano?) tornam-se diáfanas, atravessadas pela luz; introduzem-nos em um mundo estranho e, ao mesmo tempo, curiosamente familiar. De certa maneira, Schmitt-Prym nos transporta para as fronteiras da nossa percepção irracional, uma região íntima e contudo pouco explorada, oferecendo-nos um passaporte de beleza e magia.

Eunice Gruman
março de 1990.

TATIANA PINTO
Rio de Janeiro • RJ • 1947



Jarra com folhagens
Acrílica sobre tela, 1993
85 x 85 cm
Reflexões sobre a cor e a figura, o instante e o eterno

Até onde me recordo, meu primeiro contato com o trabalho de TATIANA PINTO foi há cerca de dez anos atrás. Ele era figurativo, com fortes tendências abstraizantes, e se construía em pinceladas sucessivas e sensíveis em azulados, esverdeados e acinzentados em seus variados matizes. Uma cor forte e contrastante num ponto ou no outro faziam o contraponto necessário, enriquecendo a composição. Apareciam, já nesta série, de uma visualidade sedutora e bela, características que permeariam a sua produção posterior de pintura, como o uso de temas de cotidiano e da cor como veículo de sentimentos e sensações.

A questão da cor passa a ser cada vez mais importante nas séries seguintes, exigindo seu espaço e tornando a pintura um exercício cromático intenso que nem as figuras firmes e diretas que surgem nos trabalhos conseguem integrar e organizar. Na verdade a predominância de pinceladas sobre a composição, que se conservam em alguns até hoje faz com que os quadros explodam em vigor e força, embora na maioria das obras transpareça o excesso que as anima e fique evidente que a artista chegara a um limite insuportável de cores e formas cuja convivência, antes de conduzir à harmonização, levavam à sensação de conflito e saturação.

Investigadora insaciável, nos trabalhos seguintes TATIANA PINTO realiza uma opção pela sobriedade cromática enquanto experimenta a fragmentação da figura, agora de novo assunto central e soberano de suas pinturas, numa espécie de jogo de armar proposto ao espectador. São desta fase dípticos e trípticos cheios de um encantamento e vitalidade quase infantis, onde a cor está presente em matizes inesperados e sutis, valorizando, pelo cuidado e critério de seu emprego, quadros de grandes dimensões que se impõem, não tanto pelo tema mas, principalmente, pela ousadia dos formatos escolhidos.

Nesta mesma época começam a surgir, nesta busca sem limites que TATIANA PINTO sempre fez de novas formas de expressão, os estofados, telas pintadas que recobrem lâminas de espuma colocadas sobre chapas de madeira recortadas que convivem, ou não, com recortes de borracha pintada. Esta descoberta permitiu à artista continuar dando à pintura o dinamismo visual que de certa forma caracterizava os recortados. De fato, a integração de partes num todo possibilitou a abordagem de temas intimistas em trabalhos que se desdobravam em outras áreas pictóricas, ressaltando os aspectos táteis e visualmente lúdicos que as obras carregavam em si mesmas, não tanto como idéia, mas, sobretudo, como realização.

Na produção mais recente, reunidas para esta exposição, TATIANA PINTO retorna, simultaneamente com os estofados, a pintura sobre tela em chassis convencional. Este reencontro com um suporte que lhe foi tão familiar é significativo, num momento em que a artista retoma temas que pertencem à história universal das artes, como as naturezas mortas, as paisagens e os vasos de plantas ou flores. Como um instante de reflexão sobre o ser humano e seu meio, sua ligação com o passado e a sua visão do futuro, estes trabalhos remetem, por seu lirismo e verdade, à mágica beleza do instante, que a mão talentosa da artista acaba por transformar em eterno.

Milton Pereira Couto — Porto Alegre, junho/julho de 1992.

PRODUÇÃO RECENTE
SEGMENTO II

CÁTIA USEVÍCIUS
Porto Alegre • RS • 1961

Sem título nº 132992
Gravura em metal, 1992 • Relevo
18,1 x 19,8

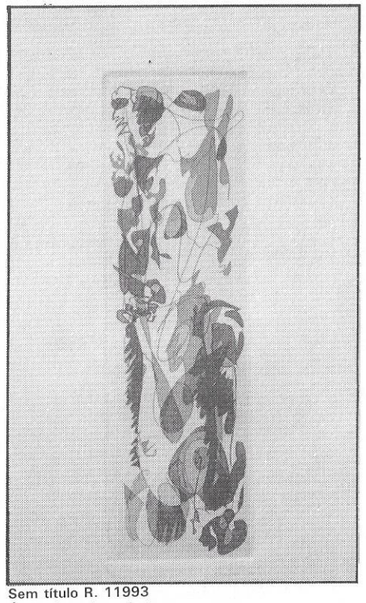
Com um traçado seguro e vigoroso, as gravuras em metal de Cátia Usevicius aparecem ao nosso olhar como uma feliz e espontânea manifestação de forma e ritmo...

Domínio do desenho, senso da proporção e rigor técnico são o suporte com o qual a artista obtém configurações que nos fazem evocar o gesto livre e criativo. O jogo entre as superfícies que o ácido retira da placa de metal gera um confronto tenso entre manchas de intensidade diversa;...

É recente a presença de Cátia Usevicius entre os gravadores do Rio Grande do Sul, contudo, a familiaridade com a alquimia da gravura e a intensidade criativa com que se apresenta deixam-nos a certeza de que será das mais férteis e significativas a trajetória de seu trabalho.

Março de 1992
José Luiz do Amaral

ELIANE SANTOS ROCHA
Santana do Livramento • RS • 1943



Sem título R. 11993
Água-tinta, água-forte
29,5 x 8 cm

As gravuras de Eliane Santos Rocha se realizam, sempre, a partir de um espaço inicial vazio, à espera de um impulso irresistível que vai criar um mundo complexo e expressivo.

A razão instintiva da artista, sob o estímulo imaginativo de uma primeira idéia, cria uma linha que, animada pelo movimento, vai definir a imagem. Neste processo de criação, as imagens são libertas diretamente sobre a matriz. As formas resultantes são invenções de personagens biomorfos ou antropomorfos, ou ainda de estruturas de movimento e força naturais. Metáforas? Creio que sim as metáforas vêm dar um corpo concreto a algo que se quer exprimir.

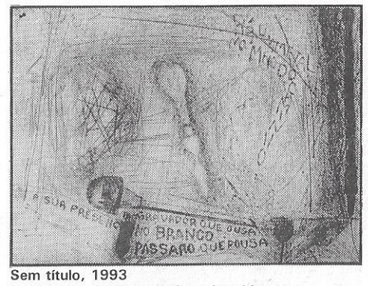
Eliane constrói suas imagens com um procedimento que tem a ver com o conhecido processo de automatismo dos surrealistas, porém, ela também decide sobre este processo inconsciente, visando à definição de uma forma específica e coerente de linha, planos, espaço, luz e sombra. A imagem final como um todo, indivisível e a predileção pela forma e estrutura lineares, conferem ao seu trabalho uma força particular.

E a dimensão de seus trabalhos?

Vamos a Bacheland, na Poética do Espaço; ''A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens. Na linha de filosofia que aceita a imaginação como faculdade de base, pode-se dizer, à maneira de Schopenhauer: 'O mundo é a minha imaginação'. Possuo melhor o mundo na medida em que eu seja hábil em miniaturizá-lo. Mas, fazendo isso, é preciso compreender que na miniatura os valores se condensam e se enriquecem. Não basta uma dialética da tônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura. É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno''. E ainda; ''Na contemplação da miniatura, é preciso uma atenção perspicaz para integrar o detalhe''.

CARLOS MARTINS

MARIA CONCEIÇÃO MENEGASSI
Porto Alegre • RS • 1954



Sem título, 1993
Ponta seca, buril, raspador e brunidor
20 x 15 cm

'Ponta Seca — Buril — Raspador — Brunidor' são instrumentos que a tradição da calcografia nos passa. O conhecimento sensível do cobre e dos recursos do instrumental específico nos permitem realizar a gravação ''in cavo'', expressando e explorando soluções plásticas à imagem gráfica. A estes processos diretos da gravura em metal, somam-se a água-forte e a água-tinta como processos indiretos ou seja realizados através de ácidos.

A idéia e as imagens, nesta seqüência de gravuras, gravadas e impressas de uma mesma matriz, foi explorar a qualidade e possibilidade de retrabalhar o cobre.

Nesta atitude o instrumento era ação, imagem e continuidade de processo.

As imagens gráficas se estruturam, após são destruídas, para outra vez construírem nova imagem, através da linguagem técnica e do sinal expressivo à saturação.

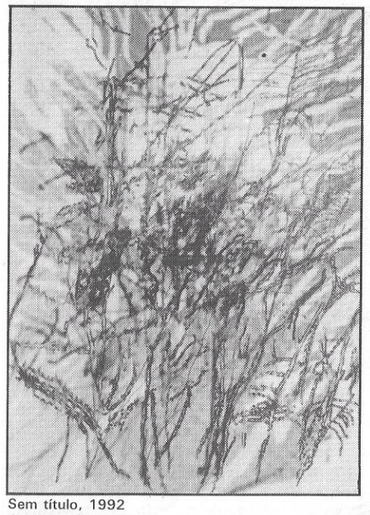
As alterações calcográficas, os limites dos recursos técnicos e a expressão visual de continuidade do gesto, fazem destas imagens calcográficas um processo de constante estudo.

Setembro/1993

M. CONCEIÇÃO MENEGASSI

PRODUÇÃO RECENTE
SEGMENTO II

REGINA CESA
Caxias do Sul • RS • 1967



Sem título, 1992
Computação gráfica
26 x 20 cm

Produção atual
Teresa Poester

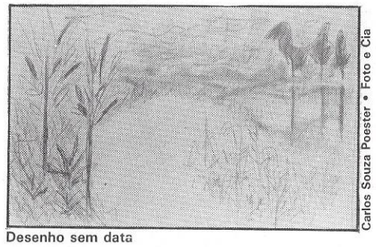
Em minhas pinturas, anteriores à paisagem era o pretexto ideal para o exercício da mancha, das pinceladas, da luz e da cor.

Atualmente, estou procurando relacionar os dois assuntos paisagem e pintura. O trabalho é o reflexo desta preocupação.

As imagens estão sintetizadas, a variação de cores e texturas mais reduzidas, menos excesso. A composição se forma por fragmentos, pequenos versos. São imagens poéticas cuja associação é acrescida ou entrecortada por elementos formais.

Estes trabalhos em papel são um espaço do início desta série de comentários.

TERESA POESTER
Bagé • RS • 1954



Carlos Souza Poester • Foto e Cia

Desenho sem data

SOBRE DESENHAR NO COMPUTADOR

A tendência que se tem diante de um computador pela primeira vez é de querer aprender todos os comandos e teorias para depois começar a produzir alguma coisa. No meu caso essa tentativa foi frustrada por dois motivos: porque é mais fácil aprender fazendo (assim como em outras atividades práticas) e também porque as possibilidades são tantas que aprendê-las de uma só vez seria praticamente impossível.

Os programas do Macintosh que utilizei (''Aldus SuperPaint'' e ''Adobe Photoshop'') dispensam muita cerimônia: alguns rabiscos e quase se acredita que se está diante de pincéis,. tintas e lápis (não fosse a batalha para controlar o ''mouse''). Eles permitem a criação de imagens equivalentes às de instrumentos tradicionais de desenho, pintura, gravura e fotografia, com o acréscimo da rapidez, da possibilidade de eliminar imagens indesejadas e de ver previamente o resultado de alguns comandos. Os acasos também funcionam como fontes de inspiração.

Nas imagens que desenvolvi, procurei ''reproduzir'' algumas características dos meus desenhos, mesmo que para isso tivesse que transgredir algumas regras estruturais dos programas, como por exemplo imprimir várias imagens sobrepostas numa mesma folha, como no processo da gravura.

Para mim, o computador é como uma ''ferramenta'', ou uma nova técnica. Não importa se produz tudo a partir de pontinhos ou de equações complicadas, no final, o que conta é resgatar o repertório pessoal de imagens e seguir com horas de trabalho.

Regina Cesa, 1993.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

PROJETO

SISTEMA DE CURADORIAS REGIONAIS

JUSTIFICATIVAS

Em nenhum momento da administração pública do Estado, foi constituído e realizado um projeto específico na área de Artes Visuais, tendo em vista o interior do Estado. É importante salientar ainda que só é possível a realização deste atendimento mediante um projeto claro, objetivo e sistemático, principalmente levando-se em conta a extensão geográfica do Estado, as dificuldades de verbas e de meio operacionais para a realização de um projeto desta dimensão.

Salientamos ainda a importância do projeto para o desenvolvimento social de determinada região, uma vez que dá início ainda que tardiamente a projetos específicos para a difusão das Artes Plásticas em todo o Estado e fora dos centros concentradores da produção de cultura.

OBJETIVOS GERAIS

O programa de fomento e difusão Sistema de Curadorias Regionais para Arte Contemporânea objetiva promover a constituição de instâncias situacionais que levem a público a produção em Artes Visuais para localidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Incorporado a uma série de programas governamentais de apoio à produção, o porgrama SCR se constitui em um processo de intervenção vertical da sociedade sul-rio-grandense no processo de decisão e participação no sentido de construir possibilidades objetivas de incentivo.

À instituição cabe receber e dar condições de viabilizar as propostas de exposições de acordo com a disponibilidade de recursos levando em conta as linhas gerais de planejamento integrado que esta possui.

No âmbito das diretrizes gerais do Instituto Estadual de Artes Visuais está inscrita a idéia de promoção de políticas públicas para a arte contemporânea, assim como condições favoráveis para a difusão de novos programas de promoção para a área.

A grande diferenciação imposta pelas condições peculiares a cada região dificultam, no mais das vezes, as realizações na área de Artes Visuais, não só pelo fato destas diferenças exigirem demandas diversas, mas também por não haver no âmbito dos programas institucionais procedentes de projetos que possam ser analisados, discutidos e reavaliados com vistas ao alcance de seus objetivos.

Sendo assim, a idéia do SCR é promover novas possibilidades empíricas para gerenciamneto de projetos para a arte contemporânea e suas diversas manifestações.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

— Levar a todas as regiões do Estado do Rio Grande do Sul a produção contemporânea em Artes Plásticas do Estado.
— Promover exposições coletivas itinerantes de escultura, pintura, cerâmica, objeto, desenho e gravura, através de critérios técnicos rigorosos. A idéia é promover o acesso do público com difíceis condições de visão sobre a produção de Artes Plásticas que em sua maioria está localizada em grandes centros produtores como Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas.
— Promover o intercâmbio entre artistas de diversas regiões, e levantar questões sobre a identidade tendo em vista as diferenças regionais.
— Promover a descentralização administrativa uma vez que, por força de contingência, a maioria das atividades da instituição tende a se localizar em grandes centros como Porto Alegre.
— Desfazer tanto quanto possível a incidência cada vez maior dos centros produtores hegemônicos sobre a produção regional.
— Ampliar o raio de acesso do olhar sobre a visualidade contemporânea.
— Promover atividades ininterruptas para a área de Artes Plásticas em todo o Estado.
— Consolidar projetos autônomos para a área.

DIVISÃO DE DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
Para Programas de Artes Visuais

ATRIBUIÇÕES:

. Promover o levantamento de questões regionais específicas da área.
. Identificar as potencialidades de cada região.
. Encaminhar as prioridades de investimentos para ações de âmbito estadual.
. Encaminhar sugestões para alocação de recursos.
. Realizar o acompanhamento das ações governamentais em execução.

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
ALCEU COLLARES

Secretária de Estado da Cultura
MILA CAUDURO

Diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais
GAUDÊNCIO FIDELIS

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul Diretor
GAUDÊNCIO FIDELIS

Assessoria de Relações Externas
IARA GAY DE CASTRO

Assessoria de Imprensa
DÉCIO PRESSER

Divisão de Acervo
Museóloga Responsável
YVONE BERNHARDT

Divisão de Documentação e Pesquisa
FELIPE ZUNINO

Divisão de Exposições Temporárias
Coordenação
KARIN SCHNEIDER

Assessoria de Montagem
RICHARD JOHN

Divisão de Ação Cultural
SUSANA VIEIRA DA CUNHA

Divisão de Descentralização Administrativa
RONEI KOLESNY

Conselho Consultivo
GAUDÊNCIO FIDELIS – Presidente
CÍRIO SIMON
EDUARDO VIEIRA DA CUNHA
JADER SIQUEIRA
JOSÉ ALBANO VOLKMER
JOSÉ FRANCISCO ALVES
MILTON COUTO
TÂNIA RESMINI
Administração
ADRIANO SEMPÉ PEDROSO
LAURA BENTO SOARES

GOVERNO DO ESTADO
A FORÇA QUE VEM DO POVO

Prefeitura Municipal de Flores da Cunha

Prefeito Municipal de Flores da Cunha
RENATO CAVAGNOLI

Secretário de Cultura e
Turismo de Flores da Cunha
CARLOS RAIMUNDO PAVIANI

Prefeitura Municipal de Antônio Prado

Prefeito Municipal de Antônio Prado
CLÓVIS PEDRO ZULIAN

Secretário Municipal de Educação e
Cultura de Antônio Prado
TRANQUILO TONIN

Departamento de Cultura da SMEC
EVELYN POSTALI

Centro Cultural Banco do Brasil

Gerente Geral
VALTER DE FREITAS FLORES

Funcionário Responsável
IVÂNIA BECKER

DIVISÃO DE DESCENTRALIZAÇÃO
ADMINISTRATIVA
PARA PROGRAMAS DE ARTES VISUAIS

PREFEITURA DE ANTÔNIO PRADO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DE ANTÔNIO PRADO
DEPARTAMENTO DE CULTURA

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA
SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DE FLORES DA CUNHA
ATELIER LIVRE DA PREFEITURA MUNICIPAL

ESPAÇO CULTURAL
BANCO DO BRASIL S.A.
CAMAQUÃ

ARTE
É
CONTRA
AIDS
FAÇA SEXO
COM CAMISINHA
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL
CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
Rua dos Andradas, 736 • 6º andar • Porto Alegre • RS
CEP 90020-004 • FONE: (051) 221-7147 • R. 263 • FAX: (051) 227-4427
• BRASIL •